

direção e coreografia
Clara Andermatt

direção musical
Luís Pedro Madeira, Clara Andermatt

composição

Luís Pedro Madeira

desenho de luz e operação

José Álvaro Correia

figurinos

José António Tenente

paisagem sonora eletrónica

Jonas Runa

consultadoria e pesquisa antropológica

Sophie Coquelin

repertório de danças tradicionais

Mercedes Prieto, Ana Silvestre

operação de som

Ricardo Figueiredo

produção executiva

Companhia Clara Andermatt

intérpretes-criadores

**André Cabral, Bruno Alves,
Francisca Pinto, Joana Lopes,
Linora Dinga, Sergio Cobos,
Catarina Moura, Luís Peixoto,
Quiné Teles**

coprodução

**Culturgest, Teatro Viriato,
Centro Cultural Vila Flor, TNSJ,
Companhia Clara Andermatt**

parceria

Associação PédeXumbo

apoio

Musibéria

estreia **13Dez2013** Teatro Viriato (Viseu)

dur. aprox. **1:15**

M/3 anos

Mosteiro de São Bento da Vitória

11-13 outubro 2018

quí+sex **21:00** sáb **19:00**

11 outubro 2018

Baile

mandadora

Mercedes Prieto

músicos

Sergio Cobos, Luís Peixoto, Quiné Teles

produção

Associação PédeXumbo

em colaboração com

Companhia Clara Andermatt

dur. aprox. **40'**

Sessão Descontraída

13 out sáb **19:00**

TNSJ
Praça da Batalha
4000-102 Porto
T 22 340 19 00

TeCA
Rua das Oliveiras, 43
4050-449 Porto
T 22 340 19 00

MSBV
Rua de São Bento
da Vitória
4050-543 Porto
T 22 340 19 00

Linha Verde
800-10-8675
www.tnsj.pt

Fica no Singelo



Estreado em 2013, *Fica no Singelo* é um espetáculo histórico porque ousou reinventar uma história com muitos séculos de vida. **Clara Andermatt** parte de um precioso património vivencial e coreográfico – as músicas e as danças tradicionais portuguesas – e traça-lhe um plano de luminosa convivência com o vocabulário da dança contemporânea, submetendo valsas mandadas, fandangos ou corridinhos a deslocções inesperadas dos seus sentidos originais. Os intérpretes avançam em roda, em linha, em pares, em bando, num vórtice de energia que se alimenta do prazer imenso da relação lúdica com o outro, da catarse coletiva. Este desejo de nos colocarmos no caminho uns dos outros, formando uma comunidade, prolonga-se no *Baile* que se realiza no final da primeira apresentação do espetáculo, onde o público é convidado a subir ao palco e experimentar algumas das danças que inspiraram a peça. Para conhecer a identidade de um povo, talvez fosse útil começar por nos espantarmos com os seus modos de dançar. *Fica no Singelo* tem o dom de amplificar esse espanto.

“Assim, singelo”

Clara Andermatt

Costumes que exprimem a alma. A nossa, a de agora e a de um outro tempo. Um tempo-terreno vinculado aos ciclos da natureza, circular e mutante. Nos rituais, nas celebrações, nas vozes, nas histórias, no trabalho... Tudo envolve o corpo, a dança e a música. Do vazio ao Amor. Cadências repetitivas que atenuam o cansaço e estimulam o fôlego. Por necessidade e defesa, o corpo chega a estados hipnóticos. Somos apenas nós e nós com o outro, somos todos porque é preciso, porque se quer. Na companhia, na crença, na tarefa, no apaziguar da solidão. Em roda, em linha. Em pares, em bando. Momentos de espera ou humildade ou beleza ou alegria. Assim, singelo.

OTNSJ É MEMBRO DA

O simples, o antigo e o novo – e ainda: o último dos movimentos

Fica no Singelo de Clara Andermatt

Gonçalo M. Tavares*

*foi assim que cheguei à poesia narrativa:
nos poemas moviam-se figuras
e a essas figuras aconteciam coisas*

Estes três versos de Vasco Graça Moura podem ilustrar subitamente o que acontece no palco de *Fica no Singelo*: há figuras, corpos, a quem acontecem coisas: encontros, muitas vezes, mas também alguns desencontros; pequenos movimentos que parecem por vezes concluir uma narrativa que se iniciou há décadas ou até há séculos.

Fica no Singelo de Clara Andermatt – memória da dança contemporânea e nova invenção da dança tradicional. E ainda o inverso.

A.

Algumas notas sobre dança

1.

Atentemos neste verso: *Intensidade errada alojada na Perfeição* (de *Livro da Dança*, Assírio & Alvim). Toda a dança é assunto de um desequilíbrio e de uma tentativa para endireitar. Endireitar algo que estava torto, errado. Dançar é no fundo corrigir um erro, um desacerto inicial que bem pode ser o facto de se existir como se existe: com essa certeza inflexível da morte. Dançar não deve pois significar a introdução de uma intensidade *certa* na perfeição.

Assim, alojar o erro na perfeição é um modo de exigir a continuação do movimento: como não atingimos a perfeição continuamos; como não atingimos a perfeição somos *quase* imortais. A perfeição toma assim o sentido de fim, de momento a partir do qual nada mais há para a frente; a perfeição como fim da linha. É a morte, no limite.

Dançar é, pois, adiar a morte. Introduzir consecutivamente intensidades erradas na perfeição; intensidades que não dão conta certa; sobram restos, vestígios, que obrigam a acertos infinitos e a um adiar constante.

2.

A dança é um movimento que altera as circunstâncias, estamos face a um ataque às leis. Dançar é perturbar o solo, é *excitar* o solo.

E a dança é um movimento que interfere no que é baixo, no que é intermédio e no que é alto. O ar contorce-se para acompanhar quem dança; o ar, dir-se-ia, torce o pescoço para conseguir olhar de frente para o bailarino. O ar desorienta-se porque nunca sabe onde está o rosto, as pernas ou as costas do bailarino.

O corpo que dança incita à perda da razão daquilo que o rodeia: do solo ao céu, passando pelo ar baixo que envolve os bípedes com ritmo, eis que tudo se perturba, eis que tudo é perturbado; o solo perde a razão.

3.

Perturbar uma certa tendência para a escultura, uma certa tendência para a imobilidade, eis o que faz a dança. Um corpo que é músculos e carne e ossos tem tendência a definir-se como um corpo sólido. Dançar é, pois, interferir no estado dessa matéria que é o corpo. É lembrar ao corpo que não é tão sólido como parece quando visto do exterior. Dançar, a princípio, suavemente, é infiltrar um outro estado físico: o corpo é matéria sólida, sim, mas também líquida; também é a coisa que se pode derramar pelo espaço como a água, quando o copo que a envolvia se parte no chão. Também assim o corpo: rodeado de uma massa que o protege e o impede de se derramar, mas também com essa fragilidade das coisas líquidas. E é a dança que permite recordar essa fragilidade, esse outro estado da matéria humana.

Fica no Singelo de *Clara Andermatt*: *perturbar a perfeição, interferir no solo, lembrar a fragilidade.*

B.

Algumas notas sobre o velho e o novo (sobre a tradição e o contemporâneo)

Descoberta do Museu.

Deitar abaixo o Museu.

No corpo as obras-primas resistem um quinto de segundo e menos de meio instinto.

Descoberta do Museu.

Deitar abaixo o Museu.

O Museu dos Movimentos estragou-se!

Destruição do lugar-comum no lugar do corpo.

Descoberta do Museu.

Deitar abaixo o Museu.

(de Livro da Dança)

No Museu estamos diante do que já foi feito. Nenhum museu nos mostra o instante presente: vemos no museu o que já aconteceu, portanto: vemos o que não está a acontecer (desviamos os olhos do presente). Entrar no museu é sair do que acontece. No corpo há movimentos que se tornam movimentos-museu: já aconteceram, conhecemo-los, não espantam; podemos repeti-los mas não os podemos inaugurar. O corpo necessita de alguns destes movimentos, movimentos reconhecíveis, de *museu*, movimentos cujo efeito é bem conhecido. Movimentos práticos, habituais, movimentos que nos permitem repetir gestos de sobrevivência, gestos que no limite sabem, eles próprios, que o mais importante é mesmo sobreviver. Mas tal como na linguagem o poeta tenta fugir dos lugares comuns, também no corpo o dançarino tenta fugir dos lugares comuns, dessas repetições exaustivas de movimentos.

Dançar é interferir poeticamente na fisiologia; e uma poética dos músculos é aquela onde estes se encontram e cruzam em lugares incomuns; um encontro raro entre dois movimentos – poesia (Rimbaud): “um encontro raro entre palavras” – pode ser visto como um gesto desastrado na vida prática, mas é um gesto sublime na vida não-prática: nesses movimentos de luxo, movimentos de quem se pode mexer para objectivos que não os da sobrevivência ou da alimentação – os movimentos da dança.

*Transformar o amor para melhorar o amor
Transformar o corpo para melhorar o corpo.
Transformar a poesia para melhorar a poesia
Transformar este sítio para melhorar este sítio
mas transformar também este sítio para melhorar aquele sítio.
Transformar o corpo para melhorar outros corpos.
Transformar o amor para melhorar o amor
(de Livro da Dança)*

Há na mudança, em qualquer mudança, uma segunda parte, um resto. Falamos de quê? Do que fica para trás, do que não é aproveitado para a caminhada daquilo que é novo.

Porque, afinal, o novo é constituído, em sua grande parte, pelo velho reconstruído, pelo velho com nova forma, pelo velho depois de sabotado em sítios estratégicos. Assim o novo digere quase todo o velho; é mais forte do que aquilo que existia anteriormente porque veio depois: é o que existia antes de *mais qualquer coisa*, mesmo que esse *qualquer coisa* seja simplesmente um acto de sabotagem. Sabotar artisticamente, e de forma elegante, o velho – uma forma de inventar o novo.

Fica no Singelo de *Clara Andermatt: resgatar e sabotar artisticamente o Museu dos Movimentos Tradicionais*.

C.

Para finalizar. Sobre o movimento mais antigo, mais actual e também: mais ameaçador

A parte mais terrível da peça *Fica no Singelo* – a violência tristemente isolada de um corpo perante o que não se entende, o que nunca se entendeu, a morte. Um luto individual e extremo. Clara Andermatt em palco num solo onde só o absurdo encontra forças para falar (tentar falar) com o Absurdo Maior; o Absurdo Mestre; o Inaceitável Absurdo. Como se ali, finalmente, com aquele solo de gaita-de-foles, percebêssemos que a morte é realmente um acontecimento antigo. Que a morte é, de facto, uma tradição dos corpos, portanto: uma tradição essencial e primária da dança.

Há algo ali, então, que nos faz como que adivinhar que há uma tradição não apenas nas danças de um país, Portugal, danças alegres ou tristes, mas uma tradição maior e mais vasta e mais antiga. Há – percebemos nesse solo – uma tradição na forma como um corpo reage à morte de outro; uma tradição nessas convulsões do tronco, nessas dobras sobre si próprio, nesses esgares, nesse levantar súbito do tronco que subitamente se contorce de novo e de novo e de novo e de novo.

Em Portugal morre-se como em todo o lado, mas quem fica sofre com o seu corpo de uma forma distinta. E a verdadeira dança que resgata a mais antiga tradição portuguesa é essa mesma – a dança feita com os pés sobre a sombra dos que nos morrem. E este texto, claro, é dedicado a Luna Andermatt.

fim

Texto escrito de acordo com a antiga ortografia.

* Escritor.

ficha técnica TNSJ

produção executiva

Alexandra Novo

direção de palco

Emanuel Pina

adjunto do diretor de palco

Filipe Silva

direção de cena

Ana Fernandes

luz

Filipe Pinheiro (coordenação),

Adão Gonçalves, Alexandre Vieira,

José Rodrigues, Nuno Gonçalves,

Rui M. Simão

maquinaria

Filipe Silva (coordenação),

Adélio Pêra, António Quaresma,

Carlos Barbosa, Joaquim Marques,

Jorge Silva, Lídio Pontes,

Paulo Ferreira

som

Joel Azevedo

apoios TNSJ

 

 

Apoios à divulgação

  

  

agradecimentos TNSJ

Câmara Municipal do Porto

Polícia de Segurança Pública

Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

agradecimentos Companhia

Clara Andermatt

Casa da Música, Casa do Concelho

de Pampilhosa da Serra, José Ferreira,

Sérgio Vicente

A Companhia Clara Andermatt

é uma estrutura financiada por:

Ministério da Cultura, DG Artes

e Câmara Municipal de Lisboa.